



---

## PATRIMÔNIO HISTÓRICO E FUNÇÃO SOCIAL: O CASO DA IGREJA DAS MERCÊS EM LAVRAS-MG

### HISTORICAL HERITAGE AND SOCIAL FUNCTION: THE CASE OF THE CHURCH OF MERCY IN LAVRAS-MG

---

#### RESUMO

Uma obra arquitetônica vai além da mera função de abrigar. Ela transmite mensagens, significados e simbologias. Seu significado vai além de elementos construtivos. O objetivo da pesquisa foi realizar um levantamento histórico e arquitetônico da Igreja das Mercês, em Lavras-MG, entre 1918 até 2018, procurando relacionar as modificações realizadas na obra (a segunda igreja mais antiga da cidade) e sua relação com a memória, significação e função social com a população da cidade, principalmente dos fiéis que a frequenta. Para a pesquisa bibliográfica, livros, artigos científicos, *websites*, fotos e documentos foram usados como fontes. Foram realizadas entrevistas com fiéis e pessoas responsáveis pela administração da igreja, principalmente com aqueles que coordenavam a capela em uma das reformas mais significativas. As análises e coletas de dados realizadas, contribuíram para reafirmar à hipótese inicial da pesquisa, sobre a relação das modificações estruturais em um prédio considerado patrimônio histórico de uma cidade, imprescindíveis para acompanhar a evolução das necessidades sociais, buscando assim, comparar os aspectos históricos, identitários, sociais e arquitetônicos.

**Palavras-chave:** Igreja. Patrimônio Histórico. Modificações estruturais. Identidade. Tombamento.

---

#### ABSTRACT

An architectural work goes beyond the mere function of housing. It conveys messages, meanings and symbologies. Its meaning goes beyond constructive elements. The aim of this research was to carry out a historical and architectural survey of the *Igreja das Mercês* (Church of Mercy), in Lavras, in the state of Minas Gerais, between 1918 and 2018, seeking to relate the changes made to the work (the second oldest church in the city) and its relationship with memory, significance and social function to the population of the city, mainly of the goers who frequent it. We used books, scientific articles, websites, photos and documents as sources for bibliographic research. We carried out interviews with a few Catholic people and those responsible for the administration of the church, mainly with those who coordinated the chapel in one of its most significant reforms, that of 2014. The analyses and data collections carried out contributed to reaffirm the initial hypothesis of the research about the list of structural changes in a building considered to be a city's historic heritage, which were essential to follow the evolution of social needs, thus seeking to compare historical, identity, social and architectural aspects.

**Keywords:** Church. Historical heritage. Structural modification. Identity. Heritage listing.

---

## **Introdução**

A Igreja das Mercês, a segunda construção sacra mais antiga da cidade de Lavras-MG, não é tombada, desse modo, ao longo dos anos ela sofreu diversas modificações que mudaram a forma como a construção dialoga com o meio urbano, no qual está inserida e com aqueles que a frequenta. Assim, o presente texto, apresenta o resultado do projeto de pesquisa realizado no ano de 2019, que tem como principal objetivo discutir a relação de um espaço com grande valor histórico e cultural com os cidadãos lavrenses, principalmente aqueles que fazem parte da comunidade. Porém, parte da população pouco sabe sobre a existência desta obra.

Por meio de pesquisas bibliográficas e iconográficas, documentos e entrevistas, objetivou-se conhecer as modificações e os processos socioculturais que a edificação sofreu ao longo dos anos, e a partir desses aspectos procurar entender como a relação das pessoas com o ambiente construído foi alterado e como sua identidade foi reconstruída diversas vezes, acompanhando as modificações do entorno e processos de modernização urbana.

Este fato é um exemplo de que a Arquitetura vai além de um mero processo construtivo, podendo estar atrelada a educação, prática religiosa, memória, história e afeto, que reafirmam, por meio dos laços que a população desenvolve com o local, a identidade do homem contemporâneo na cidade.

Nesse sentido, acredita-se que, a partir dessa pesquisa, seja possível demonstrar como a Arquitetura é o produto do indivíduo que a utiliza, uma consequência de seus atos, da maneira como se expressa, e transformar o espaço construído. Assim, ele deixa um pouco do seu ser na obra, e por meio do emprego de linguagens arquitetônicas imprescindíveis para a construção da história e da identidade política e sociocultural da igreja, deixa a sua história.

Para que as pessoas possam ter mais consciência da existência deste bem imóvel, é necessário fazer com que as informações se tornem públicas, favorecendo, assim, o seu acesso. Justifica-se, dessa forma, a publicação do trabalho em artigos ou periódicos, devido à escassez de informação sobre o tema. Embora existam obras bibliográficas, iconográficas e orais sobre o período da construção da igreja até os dias atuais, não há material específico no que se refere à sua função social e histórica.

## **Material e Métodos**

A pesquisa realizada foi separada em duas etapas, antes e após a reforma realizada na igreja em 2014, trazendo assim dados históricos e construtivos, além de discutir também alguns termos associados a bens patrimoniais para compreender melhor a permanência da igreja nos dias atuais. Assim, no século do XVIII já se falava sobre “bens legados”, termo usado por Beatriz Mugayar Kühl, em seu artigo História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos (2006), período em que o termo ganha uma certa conotação e relevância sociocultural. E se intensificou, no século XX, uma discussão relacionada a bens históricos da humanidade.

No Brasil, em um período marcado pela inserção de avanços tecnológicos, máquinas e padronização, viu-se a necessidade de buscar uma identidade, que segundo artistas e arquitetos do período, só seria possível se houvesse um resgate sociocultural da população brasileira,

reavendo aspectos que já haviam marcado a arte e a Arquitetura do país somados a características internacionais.

Nesse contexto, surge no Brasil, o termo Patrimônio, mais precisamente em 1940, com a criação do SEPHAN (Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), estando atrelados a esse órgão o escritor Mário de Andrade e os arquitetos e urbanistas Lúcio Costa, Alcides da Rocha Miranda, Luís Saia, Renato Soeiro, Silvio Vasconcelos e Airton de Carvalho, responsáveis por várias questões relacionadas ao acervo histórico-cultural, sendo um deles a restauração desses bens. Atualmente, o órgão público brasileiro responsável por essas questões patrimoniais é o IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Até início do século XX falava-se, no Brasil, sobre Patrimônio Histórico e Artístico, mas na Constituição Federal de 1988, no Artigo 216, esse conceito é ampliado para Patrimônio Cultural Brasileiro. Essa alteração ocorreu com o objetivo de abranger mais aspectos sociais, como os referenciais às culturas e bens imateriais, até então não reconhecidos. É perceptível que esse é um tema ainda bem recente no país e é muito caro para historiadores, artistas e arquitetos, ao relacionar espaços inutilizados pela população, ou inacessíveis para todos, com a perda desenfreada de significantes símbolos de acervos culturais.

Segundo o Guia Básico de Educação Patrimonial (ELAZARI, 1999), estipula-se como Patrimônio Cultural o processo permanente e sistemático como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo, onde esse sistema é aplicado como:

(...) qualquer evidência material ou manifestação cultural, seja um objeto ou conjunto de bens, um monumento ou um sítio histórico ou arqueológico, uma paisagem natural, um parque ou uma área de proteção ambiental, um centro histórico urbano ou uma comunidade da área rural, uma manifestação popular de caráter folclórico ou ritual, um processo de produção industrial ou artesanal, tecnologias e saberes populares, e qualquer outra expressão resultante da relação entre indivíduos e seu meio ambiente. (ELAZARI, 1999, p. 6)

A Cartilha de Patrimônio Mundial, de 2008, disponibilizada pelo IPHAN, define o Patrimônio Cultural como:

Os monumentos, obras arquitetônicas de escultura ou pinturas monumentais, elementos ou estruturas de caráter arqueológico, inscrições, grutas e grupos de elementos, que tenham um Valor Universal Excepcional desde o ponto de vista da história, de arte ou de ciência. (IPHAN, 2008, p. 21)

Esse mesmo documento apresenta alguns critérios que contribuem para a classificação de algo como sendo ou não acervo histórico cultural. Alguns deles são:

- (i) representar uma obra-prima do gênio criador humano;
- (ii) testemunhar um intercâmbio de valores humanos considerável, durante um período concreto ou em uma área cultural do mundo determinada, nos âmbitos da arquitetura ou tecnologia, das artes monumentais, do planejamento urbano ou da criação de paisagens;
- (iii) fornecer um testemunho único ou excepcional, sobre uma tradição cultural ou uma civilização viva ou desaparecida. (IPHAN, 2008, p. 21)

Uma discussão que continua pertinente até os dias atuais acerca dos prédios tombados segundo Françoise Choay, em seu livro *A Alegoria do Patrimônio* (2006), seria com relação a perda da sua função social inicial ou a uma ideia museológica, ou seja, o prédio ser restaurado fielmente, mas se tornando um lugar apenas para visitação e turismo. A autora acredita que, devido a essa ideia de que o Patrimônio   erudito, acaba-se restringindo o acesso igualitário para todos nesses prédios, assim, muitos não têm uma fun o para atender a toda a popula o. Desse modo, a obra de Choay ajuda a nortear a presente pesquisa, uma vez que a Igreja Nossa Senhora das Merc es, uma edifica o que ainda não foi tombada, realizou várias reformas ao longo dos anos, sendo a de 2014 a que mais modificou e, de certo modo, contribuiu para a sua descaracteriza o. Entretanto, ela não perdeu sua fun o social inicial, nem ganhou um sentido museológico.

O enfoque da pesquisa, então,   a compreensão da rela o das pessoas com o espaço, que tem um grande significado cultural e identitário para a popula o, principalmente para os fiéis que frequentam a capela. Segundo Carlos Rodrigues Brandão, consultor do Projeto Intera o, nos anos de 1980:

Não se trata, portanto, de pretender imobilizar, em um tempo presente, um bem, um legado, uma tradi o de nossa cultura, cujo suposto valor seja justamente a sua condi o de ser anacr nico com o que se cria e o que se pensa e vive agora, ali onde aquilo está ou existe. Trata-se de buscar, na qualidade de uma sempre presente e diversa releitura daquilo que   tradicional, o feixe de rela es que ele estabelece com a vida social e simbólica das pessoas de agora. O feixe de significados que a sua presença significativa provoca e desafia. (BRANDÃO, 1996, p. 51)

No atual contexto social brasileiro, há uma carência de espaços públicos que incentive atividades culturais e sociais, para todas as faixas etárias, principalmente o público mais jovem. Assim, não seria interessante destinar edifica es até então em desuso, muitas sem nenhum restauro, para esses fins? E caso necessário, mudar a fun o inicial da constru o? Ou será que tais edifica es, por um objetivo maior, devem permanecer intactas, sem modifica es ou mudanças funcionais, e ganhar uma conota o museológica? E um prédio histórico deve ser restaurado, ou esse processo, em si, já afeta drasticamente a originalidade arquitet nica da obra? Essas são indaga es contemporâneas, que continuam a conflitar várias pessoas envolvidas com o meio histórico e de patrimônio.

Não há um único termo que defina a Arquitetura. Por ser uma arte e expressão do homem, seu significado   amplo e plural, e conseqentemente, isso ocorre com os conceitos de patrimônio, história, memória, entre outros, como afirma Maria Célia Paoli:

A estas alturas da discussão sobre história, memória, patrimônio, passado, sabemos todos que nenhuma destas palavras têm um sentido  nico. Antes, formam um espaço de sentido múltiplo, onde diferentes versões se contrariam porque são saídas de uma cultura plural e conflitante. A no o de "patrimônio histórico" deveria evocar estas dimensões múltiplas da cultura como imagens de um passado vivo: acontecimentos e coisas que merecem ser preservadas porque são coletivamente significativas em sua diversidade. (PAOLI, 1992, p. 25-28)

No entanto, quando se trata de patrimônio histórico não se enaltece as diversas culturas que abrangem e algumas não têm um significado muito importante para o coletivo. Paoli acrescenta, ainda, que esse termo ganhou a conota o de uma imagem congelada do passado, que está ali para afirmar uma herança das pessoas que vivem em seu local. A autora afirma que,

atualmente, são como “modos de expressão artística folclorizados e destituídos de seu sentido original” (PAOLI, 1992, p. 26).

De acordo com a historiadora Françoise Choay (2006), o conceito patrimônio ganhou, ao longo dos anos, uma acepção erudita, tanto na questão dos bens que são tombados, sendo a maioria de organizações e grupos sociais quando estavam no seu apogeu, sendo geralmente igrejas, castelos, fazendas, bancos, entre outros, como no sentido de que as obras tombadas estão ligadas ao capital, uma vez que, restauradas, algumas não continuam com sua função social inicial, e mesmo aquelas que a função permanece a mesma, são direcionadas para atividades turísticas, em que é necessário pagar uma quantia para entrar e poder aproveitar o espaço. Desse modo, restringe-se o acesso do povo a seus próprios bens e herança, além do fato de elitizar e selecionar os indivíduos que frequentam o espaço.

Essas discussões sobre bens imóveis são inesgotáveis, algo extremamente atemporal, mas também histórico, que envolve vários grupos socioculturais, mas sempre relacionado à percepção do homem e a sua relação com o espaço construído e o urbano. Tais espaços só existem porque houve uma bagagem histórica importante que contribuiu para o que hoje é denominado Arquitetura e urbanismo contemporâneos. As grandes conquistas construtivas, estéticas, formais e artísticas se deram de forma processual, através de aprimoramentos ou críticas relacionadas a algo que já existia.

Dessa forma, é importante resguardar bens imóveis para que, de uma maneira mais palpável, sensorial e experiencial, os indivíduos, principalmente os jovens, possam acessar e resgatar, de modo menos passivo.

Em meio a uma sociedade repleta de desigualdade e opressão, é natural que as pessoas sintam que um bem construído não pertence à suas origens e culturas. Mas por quê? Primeiramente, porque há uma seleção de acordo com o pequeno grupo que está no poder e, assim, são consideradas Arquiteturas e outros meios de expressão artístico, bens, quando são de representações de um grupo ou estilo predominante em determinado período. Assim, órgãos responsáveis por definir o que é patrimônio, e qual bem merece ou não ser tombado, seguem as premissas vigentes, priorizando uma parcela que representa, segundo Paoli (1992), uma história dos vencedores, e exclui o que chama por história dos vencidos toda a pluralidade que compõe as diferentes expressões artísticas, seja em âmbito construtivo, escultórico, entre outros, de grupos marginalizados, da minoria excludente que integra a maior parte da população.

Com o grande crescimento verticalizado das cidades brasileiras e especulação imobiliária, deu-se maior importância a questões do presente em detrimento do passado. De maneira impiedosa e fria vários símbolos da Arquitetura brasileira foram derrubados para dar lugar a um grande empreendimento de construtoras renomadas visando o lucro, seguindo o sistema capitalista vigente.

No período pós-moderno, devido ao contexto histórico e cultural de luta das minorias, e de diversas manifestações estudantis, foi salientada e disseminada a ideia de uma Arquitetura e urbanismo com engajamento sócio-político. Este pensamento se tornou protagonista buscando, por meio de lutas e movimentos, igualdade, respeito e reconhecimento de expressões culturais dos diversos grupos sociais, para que, através dessa descentralização, houvesse uma ideia de Patrimônio mais democrática e atenta, com o objetivo de abarcar a todos e todas e, assim, (re)afirmar, com mais afinco, esse laço histórico e de pertencimento do indivíduo com o espaço construído. Desse modo, Paoli afirma sobre a relação de um bem com a identidade e a formação do caráter dos indivíduos, que consiste em “fazer com que nossa produção incida sobre a questão da cidadania implica fazer passar a história e a política de preservação e construção do passado pelo crivo de sua significação coletiva e plural” (PAOLI, 1992, p. 27).

Nesse cenário, a partir do momento em que os acervos e itinerários culturais, na sua pluralidade, forem respeitados, aceitos, reconhecidos e acessíveis a todos, será possível reafirmar e protagonizar as diversas identidades que compõem a população mundial. Isso só irá acontecer se houver uma preservação dessas obras históricas.

Afinal, como consequência dessa conscientização acerca dos bens históricos, haverá um forte sentimento de pertencimento dos indivíduos com as obras em questão e, assim, irá contribuir para uma formação mais subjetiva e sólida, mais humanizada e histórica, melhorando a educação das próximas gerações pelo aprimoramento do pensamento crítico e teórico de cada indivíduo de acordo com a realidade e o mundo que os circunda, fomentando sonhos, desejos e esperanças, para um mundo melhor, auxiliando na constante construção de cidadãos, seres mais social, cultural, urbana e politicamente conscientes e ativos.

É evidente, assim, que o conceito de Patrimônio é muito amplo, porém está extremamente atado às relações do ser humano com o espaço, cultura, vida e identidade desse indivíduo. A partir do momento em que esse indivíduo, como cidadão, cuida, zela, frequenta e debate sobre o ambiente construído em questão, cria um laço e uma relação direta de pertencimento, como foi o caso da Igreja Nossa Senhora das Mercês, em Lavras, onde, como já salientado, foi realizado um processo de reforma sem nenhuma intervenção de algum órgão público especializado em restauros e reformas.

Em entrevista para o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU), Mario Mendonça de Oliveira, arquiteto com 50 (cinquenta) anos de atuação, afirma que, na teoria, o restauro de um edifício é responsabilidade do proprietário, quando se fala em um prédio que não é tombado, pois nesse último caso, é um processo diferente. O arquiteto ainda reafirma a importância desse processo para salvaguardar um bem material:

É uma arte e uma técnica. Quando você tem que restaurar é porque a matéria do edifício está se degradando. A madeira apodrecendo, o reboco caindo, a pintura se desfazendo e as infiltrações tomando conta de tudo. Eu sempre considerei que a restauração é uma atitude cultural, mas é também um trabalho de caráter técnico e científico. (OLIVEIRA, 2014)

Dessa forma, acredita-se que as pessoas responsáveis pela reforma não foram descuidadas nem impertinentes, uma vez que a capela não é tombada, é direito dos proprietários realizar modificações para proteger o espaço construído da degradação e de outras intempéries, mesmo que tenha modificado e descaracterizado a capela de certa forma.

Nessa pesquisa em questão, há uma preocupação com as características estruturais e artísticas da Capela e tudo o que essas modificações implicam, mas tem um escopo voltado para a percepção daqueles que frequentam e cuidam da mesma. Com esse escopo, será protagonista a concepção arquitetônica dos fiéis pertencentes à comunidade que acompanhou o processo de reforma, e se objetivou mostrar e comprovar que o sentimento de pertencimento com o local é extremamente intenso, em um prédio que manteve sua função social inicial, que é antigo e contém elementos que reforçam o momento e a identidade da comunidade atual.

## **Resultados**

O objetivo principal da presente pesquisa foi realizar o levantamento da trajetória histórica e arquitetônica da Igreja das Mercês, desde sua construção em 1819 até o ano de 2018, buscando demonstrar a importância de modificações estruturais em um prédio – considerado

como patrimônio histórico da cidade – para acompanhar o desenvolvimento das necessidades sociais.

As cidades não contêm uma única definição, mas possuem uma pluralidade de sentidos. Sua significação está diretamente atrelada às percepções singulares do indivíduo sobre o espaço e da sua relação com o outro. Para Kevin Lynch, em seu livro *A Imagem da Cidade*, “parece haver uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais” (2011, p. 51). Contudo, ele também afirma existir várias “imagens públicas” (2011, p. 51) criadas por um conjunto de pessoas que vivem nesse meio urbano.

Nesse sentido, para o arquiteto e urbanista Hugo Segall, a urbe é um espaço onde coexistem várias dialéticas, como a relação de espaço público e privado, riqueza e pobreza, violência e proteção, entre outros paradoxos inerentes ao ser humano e a cidade. Assim, em um contexto com excessivos contrastes, conflitos, verdades e inverdades, corrupção, conturbação, tranquilidade, tristeza e felicidade, convergência de diversas culturas e convívio de várias pessoas, existem as cidades.

Para a escritora francesa Françoise Choay (1999, p. 67):

A Cidade se tornou uma palavra-chave da tribo política, uma palavra da tribo midiática que serve para tudo, a palavra álibi dos clãs dos urbanistas, de empreendedores, de arquitetos, de administradores, de sociólogos que a examinam, ocultam-na e/ou pretendem dar-lhe forma.

A escritora ainda afirma que esse modelo urbano predominante nos dias atuais é o resultado de uma modificação das urbes europeias, que se deu de maneira delicada desde os anos de 1850 até o presente. Isso é perceptível, pois em países europeus algumas cidades não mudaram seus nomes e são muito valorizadas e cuidadas as obras arquitetônicas e urbanas, como a vivacidade das cidades medievais.

Desse modo, Choay afirma ainda que “essa mutação, para dela se captar a natureza, a amplitude e a história, basta apenas à nossa ‘civilização da imagem’ mostrar visualmente as sequências”. (1999, p. 67). Neste contexto, algumas construções que são consideradas em várias perspectivas, afrontando diversas formas de expressão, a escritora ainda cita o Centro Pompidou, em Paris na França, que apresenta uma afronta entre três principais vertentes, sendo elas artística, arquitetônica e urbanística.

Por conseguinte, essas obras que contêm todos esses diversos aspectos expressivos são determinantes para a definição e a concepção de cidade dos cidadãos. Pois, como uma boa obra de arte, causa no indivíduo diversas sensações e sentimentos, e o expectador faz uma associação desse elemento com o espaço em que vive. Porém, Choay atribuiu algumas outras características, que ao longo dos anos estiveram muito presentes nessa discussão sobre as cidades, como a grande e crescente aglomeração de pessoas, a presença de diversos itinerários, a aceleração das cidades e a expressiva expansão horizontal e, principalmente, vertical das construções, difusão de espaços marginalizados e uma “figura de ausência” (CHOAY, 1999, p.68)

Todas essas relações espaciais do indivíduo com o ambiente urbano, sejam elas positivas, negativas ou críticas, é decisivo para a organização que as cidades têm e a maneira como o cidadão age nesse local comunitário. Nesse sentido, alguns aspectos físicos são importantes para que as pessoas possam se situar na urbe, para que indique as várias trajetórias que possam seguir.

Para Kevin Lynch há alguns elementos urbanos essenciais, sendo eles vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Este último é definido pelo autor como “tipo de referência,

mas, nesse caso, o observador não entra neles: são externos.” (LYNCH, 2011, p. 53). Dessa forma, o autor ainda acrescenta que esses marcos podem ser um simples objeto, como um prédio, uma loja, uma montanha, entre outros.

Pallasmaa (2011) acreditava em uma Arquitetura mais sensorial, ligada aos outros sentidos, como olfato, paladar, tato, audição. E é discutido a supremacia da visão em detrimento desses outros, fazendo sempre uma crítica sobre essa Arquitetura mais visual. O autor também introduz uma ideia de que uma obra pode estar atrelada à memória da cidade.

Nesse sentido, uma das tipologias construtivas mais presentes nesse modelo ocidental urbes são praças e igrejas, o que as distingue dos demais centros urbanos. Assim, na cidade de Lavras, MG, há a praça Dr. Domingos Pinheiro, onde está localizado em seu interior a Igreja Nossa Senhora das Mercês. Essas obras estão localizadas no centro urbano, local de fluxo intenso de automóveis e de pessoas. Está situado próximo a alguns marcos principais da cidade, como a Casa da Cultura, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, e a igreja mais antiga, Igreja do Rosário, ente outros.

Esses espaços que compreendem a capela e a praça são ambientes públicos, que caracterizam uma Arquitetura social, em meio ao espaço urbano. A capela não foi tombada, mesmo sendo a segunda igreja mais antiga da cidade, completando 200 anos em 2019, sendo regida pela Paróquia de Santana. Contudo, sua relação com o urbano se deu de forma dialogada até certo ponto, embora polêmica.

A função social da igreja e praça não foram alteradas, permanece a mesma. Elas funcionam como um marco, em que os cidadãos utilizam para se localizar. Dialoga com seu entorno de uma forma fluida. Porém, uma recente reforma que consiste em um gradil delimitando o entorno da capela traz uma série de discussões pertinentes e determinantes nesse âmbito urbano, como a relação público-privado e para quem ela se aplica. Outro ponto discutido é o sentimento de apropriação de um grupo sobre determinado espaço público.

Dessa forma, fica claro, portanto, que este espaço em Lavras está amplamente relacionado a uma memória afetiva da cidade, se tornando um dos espaços mais antigos, embora não seja tão valorizado. Suas modificações e mudanças ao longo dos anos seguiram as várias alterações que a cidade sofreu, desde o fim do Bondinho, até a destruição e construção de algumas casas e os constantes desenvolvimentos tecnológicos. Tudo isso está diretamente ligado a maneira como a cidade se comporta e sua história trazendo, assim, um pouco da identidade do espaço urbano e dos cidadãos.

Assim, conforme afirma Lynch (2011), questões empíricas e subjetivas são determinantes para se ter uma imagem de cidade. E a memória reforça essa ideia de pertencimento e identidade dos cidadãos com o espaço urbano. Portanto, para se conhecer uma cidade é necessário vivenciá-la e experienciá-la.

Desse modo, os dados obtidos ao longo da realização da pesquisa não permitem que se alcance um resultado final, mas que fomente, amplie e faça uma reflexão acerca do tema escolhido, gerando discussões ainda mais complexas e profundas sobre questões de tombamento e identidade.

Nesse sentido, as entrevistas permitiram entender como o indivíduo se relaciona com a Arquitetura, a cidade e a Igreja. Todas essas questões apresentadas anteriormente, por Kevin Lynch (2011), ficam evidentes com os relatos dos entrevistados, pois os fiéis são os responsáveis por manter a edificação e a sua função social operando e atendendo à população, em que ao longo dos anos deixaram suas marcas nas diversas reformas que a capela sofreu. Cada uma das modificações carrega um pouco dos materiais construtivos característicos do tempo em que foi realizada a reforma.

Nesse sentido, o tempo que a igreja está erguida fez com que se tornasse um marco para



os lavrenses e um ponto de referência para se localizar. Desse modo, a construção faz, assim, parte da identidade, história e memória não só da cidade, mas dos cidadãos e principalmente dos fiéis. A questão é se o fato desse bem imóvel não ter sido tombado e este fato ter permitido que fossem realizadas as reformas, não permitiu que a relação entre os fiéis e do espaço tivessem estreitado e permitido que eles se sentissem pertencentes ao espaço.

## Discussão

No século XVIII já se falava sobre “bens legados”, termo usado por Beatriz Mugayar Kühl, em seu artigo História e Ética na Conservação e na Restauração de Monumentos Históricos (2006), período em que o termo ganha uma conotação e relevância sociocultural. E se intensificou, no século XX, uma discussão relacionada a bens históricos da humanidade.

É neste século que o termo surge no Brasil. Embora na Europa, no período Renascentista já se falasse sobre o resguardo de bens imóveis, para os brasileiros esse conceito só começou a ser difundido no período do modernismo<sup>1</sup>, quando há uma certa preocupação com “a identidade brasileira”. Assim, foram criados órgãos governamentais como SEPHAN (que hoje é o IPHAN), para preservar e proteger a memória, a identidade do ser brasileiro, por meio do que seria determinado como bens patrimoniais. Contudo, o relativismo e a complexidade do assunto, faz com que essas discussões sejam calorosas entre as diversas vertentes de pensadores e pesquisadores, sobre questões patrimoniais.

Françoise Choay (2006, p. 11), no livro Alegoria do Patrimônio, usa o dicionário francês para definir patrimônio como bem de herança que é transmitido, segundo as leis, dos pais para os filhos. Nesse caso estudado, acontece a interação entre as gerações. Nela o bem abriga características herdadas desde a época de sua construção que se tornam simultâneas às características das alterações do tempo.

Desse modo, seguindo esta vertente, é possível citar outra vez a mesma autora e dar um parecer mais claro e pontual sobre a relevância do caso da Igreja Nossa Senhora das Mercês em meio a essas discussões patrimoniais. De acordo com Choay, "arquiteturas e espaços não devem ser fixados por uma ideia de conservação intransigente, mas sim manter sua dinâmica" (CHOAY, 2006, p. 16). Como exemplo, cita a famosa Pirâmide do Louvre.

Nos dois casos, tanto na igreja lavrense quanto no museu parisiense, as alterações feitas são claras e interagem dialogando com o passado e o presente. Esse diálogo, por contar a história das gerações ao longo de seus detalhes, se torna extremamente positivo quando é falado sobre valor histórico e identidade de um grupo social.

Nesse sentido, sabe-se que a Igreja das Mercês contém diversos valores nos segmentos culturais, sociais e religiosos. Mesmo sendo a segunda construção sacra mais antiga de Lavras, e ainda não ter sido tombada, a construção permanece erigida e em bom estado de conservação. Isto ocorre, pois, a comunidade ficou responsável, ao longo dos duzentos anos, pelas alterações e reformas da igreja, por meio de doações, de contribuições da paróquia Sant’Ana de Lavras e dos próprios fiéis, também responsáveis pelas alterações que a obra sofreu ao longo dos seus duzentos anos.

Assim, vale ressaltar que, por meio de votações envolvendo toda a comunidade, são eleitas pessoas para compor o corpo de coordenação da igreja. Estes ficam mais à frente nas tomadas de decisões sobre questões financeiras, de infraestrutura e organização do funcionamento da edificação em si.

---

<sup>1</sup> Modernismo do século XIX e XX. No Brasil a discussão ganha mais fôlego nas décadas de 1930 e 1940.

Desse modo, um dos entrevistados responsáveis pela tesouraria da igreja em 2014, ano que ocorreu uma das maiores e mais recentes reformas na edificação, explicita um pouco como surgiu essa ideia da reforma: “O padre, né, que era o Pároco administrador da paróquia autorizou... foi feito um projeto por uma arquiteta... a gente sabe que não agradou a todos, mas...acho que assim, mais, mais da metade das pessoas ficaram de acordo”.

Outro aspecto que instigou diretamente a história da igreja foram as modificações realizadas no entorno da capela, que influenciaram diretamente as alterações a que a obra foi submetida. Fica evidente, assim, por meio de fotos, os diversos períodos histórico-políticos que influenciaram tais transformações construtivas. Um desses momentos foi na década de 1930, quando se instalou a primeira rede de bonde elétrico na cidade marcando, assim, o início de uma nova era, o período da Revolução Industrial e conseqüentemente da *Belle Époque*, movimento que ganhou destaque em Paris.<sup>2</sup> Marcada pela criação do telefone, energia elétrica e iluminação, entre outras inovações, o que permitiu, assim, o início da vida noturna. Nesse momento, Paris sofreu diversas modificações urbanas que influenciaram e tornaram-se referência mundial. Nesse sentido, diversas características desse período moderno foram adotadas em inúmeras cidades brasileiras, pois os arquitetos e urbanistas viajavam para países europeus à procura de inspirações para seus projetos. Na cidade de Lavras não foi diferente: na imagem referente ao anexo I, essas características são percebidas com a presença do bonde e a instalação de rede elétrica, que resultou em modificações no entorno da capela, como na Praça Monsenhor Domingos Pinheiro, nas duas ruas principais e centro da cidade.

Já na imagem referente ao anexo IV, da década de 1960, é perceptível que o bonde elétrico foi substituído pelo asfalto e automóveis. Nela consegue-se observar pequenas modificações na igreja quando comparada a foto anterior. Isso representa um novo período na história do país e da cidade, em que o governo federal e algumas iniciativas privadas investiram uma quantia elevada para o sistema rodoviário.

As imagens mais atuais, referentes aos anexos 5 a 12, apresentam como a tecnologia avançou ao longo do tempo. E, conseqüentemente, influenciou o mercado construtivo, algo que se torna evidente nas edificações que estão no entorno da igreja em que grandes casarões foram substituídos por grandes prédios. Seguindo essa dinâmica urbana, onde tudo está em constante modificação, a igreja também sofreu diversas transformações, sendo a reforma de 2014 uma das mais marcantes na história da edificação.

Nesse sentido, compreende-se um pouco da história da igreja e as diversas alterações que sofreu ao longo do tempo. Dessa forma, vale ressaltar que esta é uma das obras que mais sofreu reformas ao longo dos anos na cidade. Por não ser tombada e não haver uma preocupação ou orientação sobre resgatar o seu estilo arquitetônico, ela e a praça, onde a igreja está localizada, sofreram diversas modificações. Resultando, assim, em alterações que combinam as características antigas, modernas e contemporâneas. Desse modo, diversos aspectos de diferentes movimentos arquitetônicos foram sendo empregados, tendo como o resultado final uma obra híbrida.<sup>3</sup>

Nesse contexto, a reforma de 2014, uma das reformas que mais alterou a igreja tanto no seu interior quanto no exterior, como no seu entorno mais próximo. Nestas modificações, elementos foram retirados, acrescentados ou modificados. Mesmo tendo como objetivo manter as características das construções sacras de Minas Gerais, Estado onde há uma gama de acervos

---

<sup>2</sup> *Belle Époque* foi um período entre 1871-1914 marcado por ter proporcionado otimismo aos europeus, pois não houve guerras na Europa Ocidental, por ter introduzido uma nova forma de fazer propaganda e promovido a energia elétrica, entre outros avanços tecnológicos modernos.

<sup>3</sup> O termo híbrido, neste contexto, refere-se ao fato de a igreja não seguir um único estilo arquitetônico, mas um compilado de diversos aspectos de diferentes movimentos artísticos e construtivos.

dessa tipologia construtiva, de reconhecimento mundial. Contudo, foram adotados elementos que não faziam parte do estilo particular desta edificação em si.

Embora os componentes empregados na reforma mais recente da igreja, façam parte desse universo arquitetônico sacro de Minas Gerais, ele não fazia parte do contexto singular da capela. Um desses elementos seria a ‘meia parede’ presente na fachada principal da igreja. Já outros elementos, como toldo em cima das portas de acessos nas fachadas frontal e lateral esquerda, os corrimãos, entre outros, foram realizadas para trazer maior conforto à igreja como afirma grande parte dos entrevistados para a pesquisa, quando indagados sobre o assunto.

Contudo, após essa reforma, todos os entrevistados afirmam que o movimento na capela aumentou consideravelmente, tanto de fiéis, quanto de celebrações missais e outros segmentos da igreja, como casamentos, batizados, reunião de grupos de orações, entre outros.

A pintura mural do altar é um outro elemento que não faz parte do contexto histórico da igreja e foi um dos que mais chocou a população. Nesse sentido, um dos entrevistados, o sujeito A, antigo tesoureiro, discorre quando questionado se se sentia contemplado pela reforma da igreja e sobre suas percepções da pintura mural do altar, afirma:

Sim... eu reconheço. A história é da aparição de Nossa Senhora, que no caso, é... chamado Nossa Senhora das Mercês, né... e os três, é... os três personagens da história. E..., bom eu entendi o que sim... como que fiz parte, né, da equipe que fez a reforma, eu, a artista me explicou o que ela quis retratar, então eu sei exatamente o que é. Uai, é uma sensação de prazer, de alegria, assim... de vida né, porque são cores vivas. Então a igreja ficou com aspecto assim, mais vivo.

O altar reformado deixa evidente essas diversas temporalidades presentes na obra, como mostra a figura referente ao anexo 11. Ao adotar uma pintura mural com traços modernos, a designer e pintora lavrense Lívia Fassio se inspirou nas obras do artista Cláudio Pastro.<sup>4</sup> A imagem retrata a história da aparição da Nossa Senhora das Mercês, para os três jovens na Espanha, isso ocorreu no período de 1218, quando parte da Península Ibérica era dominada pelos maometanos e estes faziam dos cristãos seus reféns.

A presença desta diferente pintura, assomada a novos elementos arquitetônicos, transformou por completo o espaço. Isto resultou em opiniões divergentes entre aqueles que frequentam o ambiente construído. Devido a formas e cores pouco utilizadas em construções sacras a obra causou espanto em grande parte dos fiéis. Assim, o sujeito C discorre um pouco sobre a pintura, deixando clara suas percepções, quando questionado se sentia contemplado na obra e se reconhece a mensagem transmitida pela pintura do altar:

Em parte. Porque eu achei que a... a... em parte favoreceu pra um certo aconchego e conforto para a comunidade, em parte achei que descaracterizou a história da igreja. Sim... eu vejo que é um pouco da história, e acredito que seja um pouco da história, é... de Nossa Senhora das Mercês; e vejo que ela traz um movimento, porque ela tem... várias cenas, e ela traz um movimento para a... pra... pro que foi pintado ali. Com coloridos fortes e intensos.

Contudo, outro entrevistado tem um olhar diferente e um pouco mais crítico, por ter feito aulas de pinturas aprofundada um pouco mais sobre a técnica de pintar e combinar as

---

<sup>4</sup> Cláudio Pastro (1948-2016), é paulistano e considerado um dos maiores artistas sacros do país, pelos seus diversos trabalhos no Brasil e em outros países, como Alemanha, França, entre outros. É conhecido por dedicar 40 anos em arte sacra.

cores, ela defende a seguinte opinião, quando indagada sobre as percepções que tinha da obra:

De muito movimento. A princípio de alguma estranheza. Com cores muito intensas, muito fortes... é... eu... eu sou de cores mais serenas, mais suaves... e a estranheza inclusive por um ambiente de igreja, de capela. Então a princípio de estranheza, porquê eu achei cores muito fortes, muito vivas, muito intensas, e pra um ambiente pequeno. Então me causou a princípio um certo cansaço. Hoje talvez, eu já teria me acostumado...um pouco... em parte. Gostaria que fosse alguma mais serena, mais suave e que acompanhasse... que tivesse mais em harmonia com a... a igreja, que faz parte já da história de Lavras.

Nesse sentido, a pintura mural em um primeiro momento chocou grande parte dos fiéis, e embora ela não tenha a adesão total de todos frequentadores do espaço, vale ressaltar que ela cumpriu de certa forma o seu papel como obra de arte, que é causar espanto, reflexões, contar uma história e incentivar a formação de uma opinião sobre o tema.

Outra característica que influenciou diretamente na identidade da igreja e como sua Arquitetura se apresenta atualmente, é o perfil dos fiéis que, em grande parte, é composta por pessoas idosas, outra parcela por famílias e estudantes, principalmente da UFLA<sup>5</sup> (universidade mais próxima da capela) e em quantidade menos expressivas há crianças. Nesse sentido, procurando atender as necessidades básicas dos fiéis e proporcionar maior conforto para os fiéis foram realizadas grande parte das modificações em 2014. Como foi defendido pelo sujeito D:

Acho que sempre fica né... e sempre a reforma é pra melhorar o acolhimento né, nas... dos cristãos, das pessoas que participam lá. A questão de conservação né, da limpeza, de muitos... muitas pessoas sujando o entorno da igreja... às vezes depredando... nesse sentido mesmo, de manter limpa e... e... sem... sem estragos. Ficou bom, não atrapalhou nem pesou a igreja não.

É importante ressaltar que em 2017 foi instalado um gradil no entorno da igreja, e contou com a autorização do Pároco e também da Prefeitura Municipal. Por um lado, causa diversas discussões, pois o gradil avança uma área da Praça Monsenhor Domingos Pinheiro, um local público, o que gera uma discussão sobre o uso democrático dos espaços públicos e se de fato o emprego desse gradil está correto. Por outro lado, para os entrevistados o objetivo do emprego desse elemento tem um cunho higienista, pois buscava impedir a entrada de moradores de rua, pois esses faziam suas necessidades físicas no entorno das igrejas e era necessário lavar a calçada antes das celebrações dominicais, e também de proteção. Segundo o jornal Lavras 24 horas, a igreja sofreu ações de vandalismo e três roubos entre 2015 e 2016. Nesse sentido, o emprego desse elemento de acordo com os entrevistados tinha, também, como objetivo, proteger e resguardar a edificação.

Este é mais um exemplo de conflito urbano, como aqueles apresentados pelo arquiteto e urbanista Hugo Segall, a cidade é um espaço onde coexistem várias dialéticas, como a relação de espaço público e privado, riqueza e pobreza, violência e proteção, entre outros paradoxos inerentes ao ser humano e à cidade. Assim, em um contexto com excessivos contrastes: verdades e inverdades, corrupção e honestidade, há convergência de diversas culturas; nesse paradoxo, existem, as cidades. Vale ressaltar que elas são políticas, são um produto midiático, um espaço de estudos para os urbanistas, investimentos para empresários e, para arquitetos e sociólogos, um local de confluências, de avaliação e observação.

---

<sup>5</sup> UFLA - Universidade Federal de Lavras, Minas Gerais.

Assim, para aqueles que se debruçam em entender a cidade e como ocorrem sua expansão, procuram partir dessas relações das pessoas com os espaços onde vivem, como elas zelam e utilizam os ambientes urbanos. Nesse sentido, o caso da igreja é também uma forma de entender como as pessoas usufruem essas edificações pois, embora seja antiga, sempre esteve em bom estado de conservação e não perdeu sua função social.

Dessa forma, ao se utilizar da metodologia da História Oral, procura-se trabalhar com a memória, a identidade do local, procurando trazer essa significação do espaço para os fiéis, e buscando entender melhor as modificações e reformas realizadas. Além disso, é relevante entender, por meio da memória e história do local, compreendendo assim, toda importância dessa construção para a cidade, ainda mais por ser a segunda obra mais antiga da cidade.

Neste contexto, em seu dossiê intitulado: “A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios”, os autores Amauri Carlos Ferreira e Yonne de Souza Grossi, defendem a ideia de que essas entrevistas são mais do que meros dados, mas histórias (2004, p. 2):

[...] as histórias narradas ameilham vozes revividas e constelações de imagens, enredando os fios da existência. Mobilizam um outro universo, emaranhado portador de memória e de experiência do vivido. Criam disponibilidade para o encontro e a presença.

E, nesse contexto, os autores ainda defendem essa relação da memória coletiva, traçada nesse aspecto de vivência e dialéticas entre diferentes pessoas que reafirmam sua existência no mundo:

Asseguram o vínculo entre o sujeito e suas interações no mundo. Devolvem uma história através de palavras, conferindo-lhe um passado, trançando identidades. Tornam possível a travessia do relato individual, nomeado e singularizado, para a engenhosa construção do coletivo. As histórias narradas abrem a cena para o nós coletivo, quando dão lugar em si para um perceber exterior a si mesmo. (FERREIRA & GROSSI, 2004, p. 2)

Um dos entrevistados, na segunda metade do século XX, afirma ter sido um dos primeiros coordenadores da igreja, e sua avó contribuiu para a construção da Igreja do Rosário, a construção sacra mais antiga da cidade e tombada pelo IPHAN. Nesse período eles decidiram tornar a igreja aberta para celebrações e para a população novamente, pois ela havia ficado fechada por um longo tempo. Contudo, foi necessária uma grande reforma, pois a edificação estava com grandes problemas estruturais, correndo risco de desmoronar, e como o altar era de madeira (imagem referente ao anexo 6) na época foi necessário a realização de uma reforma cautelosa para tentar reavê-lo. O sujeito E ainda afirma:

Aquela igreja era frequentada por escravos também. A coisa mais importante que nós fizemos foi a reforma lá, daquela época né? Que a igreja estava propriamente abandonada a própria sorte, né. É nós que reativamos e tudo, do interesse... com a ajuda do Padre Carlos né, que também animou de celebrar missa lá e tudo... todo domingo celebra missas, então isso foi movimentando a igreja, né... É... a comunidade toda aderiu né... ao movimento então pode levantar a igreja, porque se ninguém tivesse cooperado né...

Embora, por questões de idade, o entrevistado não participe mais das celebrações, ele fica contente por seus familiares frequentarem e cuidarem do espaço. Esse carinho com a obra

passou de geração para geração, reforçando ainda essas questões de identidades e raízes tão intrínsecas ao ser humano.

## Conclusões

O presente trabalho apresentou como objetivo fomentar as discussões acerca de patrimônios e bens imóveis que ainda não foram tombados, como é o caso da Igreja Nossa Senhora das Mercês. Mesmo porquê, a cidade é um produto ainda inacabado, seus espaços e conceitos estão sofrendo modificações a todo instante.

Para Kevin Lynch, em seu livro *A Imagem da Cidade* (2011), há um desenho singular próprio de cada indivíduo, relacionado com a sua experiência com o lugar. Porém há também vários desenhos coletivos sobre a definição de urbes. E é nessa percepção coletiva que se encontra a questão da igreja, a partir do pressuposto de que um grupo, mesmo que pequeno, entende a necessidade de manter esse lugar histórico e tão importante para a identidade da cidade e dos fiéis, principalmente pelos espaços urbanos sofrerem mutações a todo o momento.

E essas constantes mutações em que o meio urbano sofre ao longo dos anos, para se captar o contexto e compreender as histórias que nele contêm, predominam nas pessoas o campo visual. Contudo, as obras envolvem diversos aspectos expressivos determinantes para a definição e a concepção de cidade pelos indivíduos. Pois, uma boa obra de arte causa no ser humano diversas sensações e sentimentos fazendo, assim, uma associação deste elemento com o espaço em que se vive.

Essas associações espaciais do indivíduo com o ambiente urbano, sejam elas positivas ou não, são decisivas na organização das cidades e na maneira como o cidadão age nesses locais comunitários. Nesse sentido, alguns aspectos físicos são importantes para que as pessoas possam se situar na urbe, indicando as várias trajetórias a seguir.

Assim, há alguns elementos urbanos essenciais, sendo eles vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos. Estes aspectos permitem que o indivíduo se localize no espaço e indique o caminho a ser seguido. Eles podem, inclusive, estar intimamente ligados à memória afetiva do local e à sua identidade, como é o caso da Igreja Nossa Senhora das Mercês.

Alguns estudiosos defendem uma Arquitetura e Urbanismo sensorial, dando espaço aos outros sentidos: olfato, paladar, tato e audição. É discutida a supremacia da visão em detrimento desses outros, sendo feita uma crítica sobre esse modelo de Arquitetura. Assim, uma obra e um espaço que contemplam todos os sentidos sugerem estar diretamente ligados à memória da cidade. Estes espaços da igreja e da praça são ambientes públicos que caracterizam uma Arquitetura social, em meio ao espaço urbano.

A função social da igreja não foi alterada. Ela permanece como um marco, em que os cidadãos utilizam para se localizar. Dialoga com seu entorno de uma forma fluida. Porém, uma recente reforma acrescentando um gradil, delimitou o entorno da capela. Trouxe uma série de discussões pertinentes e determinantes para esse âmbito urbano, como a relação público-privado. Outro ponto polêmico foi o sentimento de apropriação de um grupo restrito sobre determinado espaço público.

Dessa forma, fica claro, portanto, que este espaço antigo está atrelado à memória afetiva da cidade, embora ainda seja desvalorizado. Suas modificações e mudanças ao longo dos anos seguiram as várias alterações que a cidade sofreu, desde o fim do Bondinho até a destruição e a construção de algumas casas. Tudo isso está diretamente ligado à maneira como a cidade se apresenta e a sua história trazendo, assim, um pouco da identidade do espaço urbano e dos cidadãos.

Portanto, essas questões empíricas e subjetivas são determinantes para se compreender e existir uma imagem de cidade. A memória reforça essa ideia de pertencimento e identidade dos cidadãos com o espaço urbano. Para se conhecer uma cidade é necessário estar atento à sua história, construindo uma identidade afetiva com seu espaço físico e social.

Desse modo, fica clara que a noção de pertencimento está ligada a questões de apropriação do espaço, o que permitem a construção de uma identidade social, cultural e urbana.

## Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Cultura, Educação e Interação: observações sobre ritos de convivência e experiências que aspiram torná-las educativas**. In: IDEM (et al.) *O difícil espelho: limites e possibilidades de uma experiência de cultura e educação*. Rio de Janeiro: IPHAN, 1996.

Cartilha: **Patrimônio mundial: fundamentos para seu reconhecimento** – A convenção sobre proteção do patrimônio mundial, cultural e natural, de 1972: para saber o essencial. Brasília, DF: IPHAN, 2008.

CHOAY, Françoise. **A Alegoria do Patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade; Editora UNESP, ed. 5, 2006.

CHOAY, Françoise. **O Reino do urbano e a morte da cidade**. São Paulo: Revista PUC, 1999. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/download/10977/8097>> Acesso em: 28 de agosto de 2019.

DECINA FILHO, Breno; PORTO, T.; PAIVA, Adriana; CARDOSO, Juliana; REIS, Flávia. **Inventário de Proteção do Patrimônio Cultural**. Ficha 0011: Igreja Nossa Senhora das Mercês. Prefeitura Municipal de Lavras, MG. Março de 2001, acervo Casa da Cultura. Atualização em 2017.

ELAZARI, Judith Mader. **HORTA, M.L.P.; GRUNBERG, E.; MONTEIRO, A.Q. Guia Básico de Educação Patrimonial**. Brasília, IPHAN, Museu Imperial, 1999, 65p. Estudos Bibliográficos: Resenhas — *Rev. do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, 9. 292-293, 1999.

FERREIRA, Amauri Carlos; GROSSI, Yonne de Souza. A narrativa na trama da subjetividade: perspectivas e desafios. **História Oral**. Ed. 7. 2004. p. 41-59.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos**. Ministério da Cultura, 2014.

Jornal Lavras 24 Horas. Capela de Nossa Senhora das Mercês ganhará grades em seu entorno. 11 dez. 2016. Disponível em: <http://www.lavras24horas.com.br/portal/capela-de-nossa-senhora-das-merces-ganhara-grades-em-seu-entorno>. Acessado em 20 dez. 2017.

Jornal Lavras 24 horas. *Capela Nossa das Mercês passa por uma reforma para ganhar mais espaço e nova iluminação*. (janeiro de 2014). Disponível em <http://www.lavras24horas.com.br/portal/capela-de-nossa-senhora-das-merces-passa-por-reforma-para-ganhar-mais-espaco-e-nova-iluminacao>. Acesso em 30 de dez. de 2017.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, ed. 3, 2011.

OLIVEIRA, Mario M. **A restauração é uma arte e uma técnica**. Bahia, CAU/ BR, 16 de out. de 2014. Entrevista a CAU/BA. Disponível em <<http://www.caubr.gov.br/a-restauracao-e-uma-arte-e-uma-tecnica/>>. Acesso em 15/08/20018.

PALLASMAA, Juhani. **Os Olhos da Pele: a arquitetura e os sentidos**. Porto Alegre: ARTMED Editora S. A., 2011.

UNESCO. **Convenção para a salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores. Brasília, DF, 2006. Documento original publicado pela UNESCO, em versão inglesa sobre o título Convention for the Safeguarding of the Intangible Culture Heritage, Paris, October 2003.



## **Anexos**

Anexo 1 – Imagem da Igreja das Mercês e da Praça Monsenhor Domingos Pinheiro: Construção do trilho para bonde elétrico. (ACERVO CASA DA CULTURA: Renato Libeck, final da década de 1930).



Anexo 2 – Imagem da Igreja Nossa Senhora das Mercês e Praça Monsenhor Domingos Pinheiro. (ACERVO CASA DA CULTURA, sem datação).



Anexo 3 – Imagem da Igreja Nossa Senhora das Mercês e Praça Monsenhor Domingos Pinheiro. (ACERVO CASA DA CULTURA, sem datação).



Anexo 4 – Imagem da Igreja Nossa Senhora das Mercês e Praça Monsenhor Domingos Pinheiro. (ACERVO CASA DA CULTURA, década de 1960).



Anexo 5 – Imagem da Igreja Nossa Senhora das Mercês e Praça Monsenhor Domingos Pinheiro. (ACERVO CASA DA CULTURA, década de 1970).



Anexo 6 – Imagem do altar da Igreja Nossa Senhora das Mercês Domingos Pinheiro. (ACERVO CASA PAROQUIAL DE LAVRAS, sem data).



Anexo 7 – Imagem da Igreja Nossa Senhora das Mercês e Praça Monsenhor Domingos Pinheiro. (ACERVO CASA DA CULTURA, ano 2000).



Anexo 8 – Imagem da fachada posterior da Igreja Nossa Senhora das Mercês (ACERVO CASA DA CULTURA, ano 2004).



Anexo 9 – Imagem da fachada frontal da Igreja Nossa Senhora das Mercês (ACERVO CASA DA CULTURA, início da década de 2010).



Anexo 10 – Imagem da fachada frontal e lateral da Igreja Nossa Senhora das Mercês (ACERVO CASA DA CULTURA, após a reforma de 2014).



Anexo 11 – Altar Igreja Nossa Senhora das Mercês, após a reforma de 2014 (ACERVO PESSOAL, após a reforma de 2019).





Anexo 12 – Fachada frontal da Igreja Nossa Senhora das Mercês (ACERVO PESSOAL, após a reforma de 2019).



**Agradecimentos:** à FAPEMIG.